

A ESCRITA DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN: REGULARIDADES E ESPECIFICIDADES

Simone Neri da Siva
(UESB)¹²⁷

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires
(UESB)¹²⁸

RESUMO

Este trabalho objetiva investigar a aquisição da escrita de crianças com Síndrome de Down; em que esse processo apresenta regularidades com o das crianças ditas “normais” e em que se diferencia do mesmo, bem como observar a mediação, como forma de atuação do professor nesse processo de aprendizagem da leitura e escrita. Considerando os pressupostos teóricos de Vygotsky, para quem o pensamento e a linguagem são processos interpessoais e interativos dentro da cultura, e portanto significativos para o desenvolvimento da pessoa com deficiência mental. Juntamente com outros estudiosos, Vygotsky¹²⁹ partilha da ideia de que as pessoas com deficiência mental desenvolvem-se enquanto sujeitos humanos, pelos mesmos processos que são constitutivos do desenvolvimento de qualquer outra pessoa, e que se deve estender esta concepção para todos os processos educativos acreditando no potencial de aprendizagem dessas pessoas.

¹²⁷ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, UESB.
nerimones@hotmail.com

¹²⁸ Doutora em Linguística e professor do DELL/UESB e orientadora da pesquisa.

¹²⁹ Esse autor tem o nome referenciado com grafias distintas, tais como Vigotski, Vygotsky, Vigotsky; neste trabalho é adotada a grafia presente na respectiva bibliografia.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem; Escrita; Mediação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva analisar as regularidades e especificidades nos processos de aquisição da escrita por crianças com síndrome de Down e demais crianças, elaborando uma outra concepção da deficiência, na qual se coloca menor ênfase nos aspectos orgânicos e diferenciadores, e maior ênfase nos aspectos ambientais e nas relações fornecidas pelo meio e os que fazem parte dele. Nessa tendência, a deficiência deixa de ser um quadro estável, uma vez que os processos educacionais passam a exercer um papel transformador na vida do aluno, onde ler e escrever são instrumentos pelos quais ele é capaz de ter autonomia de ação e pensamento (Vygotsky, 1984). Daí se pode inferir que a aquisição da escrita, por crianças com síndrome de Down ou não, se constitui num processo relevante, complexo e ativo, onde se faz ainda mais necessária mediação na busca de maximizar as possibilidades de construção de conceitos e sentidos por este aluno em especial.

MATERIAL E MÉTODOS

Tendo como base discussões durante as aulas, nas disciplinas de Introdução aos Estudos da Linguagem e Estudos em Aquisição em Neurolinguística, e a leitura sistemática de textos relacionados, realizamos a presente pesquisa de cunho bibliográfico. Num primeiro momento, foi feito um levantamento da literatura existente no acervo da biblioteca central da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, obras dedicadas ao aprendizado da criança com deficiência mental e a mediação pedagógica. Dando, em seguida, relevância a alguns autores adotando como critério a importância de suas contribuições para a área da aprendizagem, como Vigotsky, e Lúria. Depois de lido o material selecionado, pudemos observar em cada um a importância da aquisição da escrita como forma de aceitação social e integração à sociedade, de qualquer ser humano, tenha ele deficiência ou não, e que os alunos com síndrome de Down, vão apresentar poucas diferenciações em relação aos outros alunos, e que essas diferenças podem ser minimizadas pelo tempo dedicado a sua educação e pela qualidade da mediação oferecida a eles.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após leitura e discussões sobre aprendizagem e mais especificamente sobre a aquisição da escrita por crianças com deficiência intelectual, foi possível observar que da mesma forma que em todas as crianças, o desenvolvimento da linguagem se dá a partir da interação dessa criança com outras do seu meio social. A linguagem [escrita], segundo Lúria (1988:189), é o mais inestimável instrumento da cultura, diante disso, o contexto escolar é desafiado às transformações que a tarefa de colaborar para que essa aquisição [da linguagem] ocorra. Uma das grandes contribuições dos estudiosos, e sobretudo Vygotsky deu para o entendimento de como se dá a aprendizagem é que todo processo requer mediação como fator fundamental.

Assim, entendido, é a interação que possibilitará o desenvolvimento da criança, sobretudo a criança com síndrome de Down, cujas características são de se dispersar mais facilmente. Vygotsky (1997) ressalta, contudo, a importância do papel do mediador também no ensino escolar, sistematizando e organizando o conhecimento adquirido pela criança. Outro ponto fundamental para o trabalho com a educação dentro da perspectiva da mediação desse autor, é a tese de

que a criança é capaz de realizar em colaboração muito mais do que por si mesma.

A falta da mediação, portanto, pode reduzir o nível cognitivo de possibilidade de modificação cognitiva (resultado do pressuposto da plasticidade cerebral), assim como a realização dela deverá garantir o acesso a aprendizagem e, portanto, às mudanças decorrentes dela. Retomando a concepção de que os processos de aprendizagens são regidos pelos mesmos princípios, inclusive para alunos com deficiência intelectual, pode-se dizer que toda criança lança mão de processos alternativos de significado, e as crianças com síndrome de Down, fazem isso apenas por um pouco mais de tempo. O aluno com síndrome de Down tem pequenos atrasos no desenvolvimento motor – limitações estruturais de natureza orgânica, que poderão interferir em outros aspectos da aprendizagem, uma vez que é por meio da exploração do ambiente que a criança constrói seu conhecimento de mundo. Uma estimulação deficiente ou ausente, nesse momento, trarão grandes prejuízos para a aquisição da escrita. Esses déficits reais, podem ser minimizados pelo reconhecimento da diversidade e das características desses alunos e de suas potencialidades, resultando numa proposta pedagógica adequada às suas necessidades. Para que isso ocorra, Vygotsky afirma ser

necessário um estudo individual de todas as particularidades específicas de cada educando [...], [o] ajuste individual de todos os procedimentos de educação [...] a interferência do meio social em cada uma delas [...] e a definição consciente e precisa dos objetivos individuais da educação para cada aluno (Vygotsky, 2001:431), o que deve também ocorrer para qualquer aluno regular. Ainda para Vygotsky, a escola deveria fazer todo esforço para empurrá-las [crianças com deficiências] nessa direção, para desenvolver nelas o que está intrinsecamente faltando no seu próprio desenvolvimento.

CONCLUSÕES

Pode-se concluir, que quando a criança é vista como um ser que pode se desenvolver, tenha deficiência ou não, e nela é feito um investimento pedagógico adequado, ela alcançará bons resultados, dentro de suas especificidades. E que para Vygotsky as questões sócio ambientais são determinantes para a compreensão das possibilidades de atuação desse indivíduo na sociedade. Considerar, desta forma com base em Vygotsky, que o que decide o destino de uma pessoa com deficiência, em última instância, não é a deficiência em si, mas sim suas consequências frente

as práticas sociais na comunidade em que vive, e que estas são fortemente relacionadas à capacidade de compreender e expressar-se frente ao mundo, capacidade esta, dada pela linguagem escrita.

REFERÊNCIAS

LÚRIA, Alexandr Romanovich. **Pensamento e Linguagem** : as últimas conferências de Lúria; trad.[de] Diana Myriam Lichtenstein [e] Mário Corso; supervisão de trad. De Sérgio Spritzer. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

PIMENTEL, Susana Couto. **Conviver com a síndrome de Down em escola inclusiva**: mediação pedagógica e formação de conceitos. RJ, Vozes, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.